

8.00.00.00-2 - Linguística, Letras e Artes

8.03.00.00-6 - Artes

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E FILOSOFIA

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO DAS ARTES DO CORPO

MULTIPLEX CODE : CORPO COTIDIANO E PROCESSO RITUAL

AUTORA: DANIELA DE AQUINO

Curso de Comunicação das Artes do Corpo – Faculdade de Comunicação e Filosofia.

ORIENTADORA : PROF. DRA.NAIRA NEIDE CIOTTI

Curso de Comunicação das Artes do Corpo – Faculdade de Comunicação e Filosofia.

COORIENTADOR: PROF. DR. JORGE DE ALBUQUERQUE VIEIRA

Curso de Comunicação das Artes do Corpo – Faculdade de Comunicação e Filosofia.

RESUMO: ESTA PESQUISA BUSCA INVESTIGAR O ENTENDIMENTO DAS AÇÕES QUE OPERAM EM AMBIENTES COM CÓDIGOS DISTINTOS, ISTO É, AÇÕES DO COTIDIANO QUE COMPARTILHAM O PROCESSO RITUAL. ESTE ARTIGO VAI DESTACAR ESTUDOS ACERCA DO COTIDIANO QUE SE EXPRESSAM METAFORICAMENTE NA FORMA DE UMA ESPIRAL E CRIAR UM DIÁLOGO CONTÍNUO ENTRE AS REFLEXÕES E ELABORAÇÕES EMITIDAS PELO BABALORISÁ ALBERTO DE OSALÁ, E O CONCEITO DE MULTIPLEX CODE, ELABORADO PELO DIRETOR TEATRAL E PESQUISADOR RICHARD SCHECHNER. PESQUISANDO, SOB O PRISMA DA PERFORMANCE E DA SEMIÓTICA DA CULTURA A AÇÃO DOS SIGNOS DO CORPO COMUNICANTE NO AMBIENTE SAGRADO, PUDEMOS BUSCAR MÚLTIPLOS CÓDIGOS QUE ACERCAM A RELIGIÃO DO CANDOMBLÉ, COMO MEIO DE ESTABELECEER RELAÇÕES ENTRE CONHECIMENTO COTIDIANO E O CONHECIMENTO RITUAL.

Palavras chave: Multiplex code, estudos da performance, candomblé, espiral.

INTRODUÇÃO

Na introdução do livro *Performance como Linguagem* (2002) , o autor Renato Cohen fala sobre a dificuldade no processo de pesquisa de descrever uma performance por ser o resultado de uma emissão multimídia (drama, vídeo, imagens, sons etc.) e , por isso provocar no espectador uma emissão que é muito mais cognitivo-sensória do que racional.

Segundo Cohen, para uma conceituação maior da performance, lidamos com problemas fundamentais, um deles seria a dificuldade de falar-se sobre algo que não se presenciou, extensível a qualquer análise de arte. No caso da performance estamos lidando com o multiplex code. Cohen completa dizendo que o uso de multiplex code vem a ser o sinal captado a partir de uma emissão multimídia reforçando o efeito da resignagem. (COHEN, 2002, p. 30 e 66.)

A partir desse conhecimento, buscamos múltiplos códigos que acercam a religião do candomblé, como meio de estabelecer relações entre o conhecimento cotidiano e o conhecimento ritual. Esses códigos estão presentes na culinária, na vestimenta e na tradição oral, e se manifestam através dos cantos e dos toques de tambores. Os tambores evocam situações em que os Orisás incorporam em seus adeptos e manifestam aquilo que os signos percorrem.

No decorrer da pesquisa reencontramos o conceito de multiplex code, agora nas leituras na obra do diretor teatral e pesquisador Richard Schechner. O Multiplex code, segundo sua definição, implica em ver o processo ritual no contexto pós-moderno. A partir da emissão de sinais Multiplex as experiências são restauradas, alterando os canais temporais entre passado, presente e futuro. Para Schechner a experiência é parte de um sistema, e a principal forma da experiência de mudança é a reorganização da informação.

Diferentemente de outros, para Schechner o ritual não segue uma narrativa, ele acontece em mutáveis “bit de informações”, na qual o processo ocorre. Podemos entender esses bits como códigos distintos que, nesse processo Multiplex code, enviam sinais em vários canais simultaneamente num impulso.

Nossa hipótese de pesquisa era que o signo percorria um movimento espiral, que partia do cotidiano em direção ao processo ritual, transformando em movimento nos meios de comunicação para o espaço, na qual, cada um desses canais pode ser controlado individualmente.

Em 2012, Schechner apresenta uma palestra sobre performance, dramas e rituais, em São Paulo, durante o Encontro Brasileiro de antropólogos. Diz que na travessia de limites, para um modo de expressão performático, são importantes novos pontos de contato e conhecimento compartilhados, etnografias performadas, uma ecologia da performance das necessidades multiplex, incorporação, experiência, ações sociais, políticas e estéticas. O que começou com a renascença agora esta se desvanecendo.

Schechner fala que é preciso quantificar ideias para a performance, treinamento, estimulação do nervo vago, ampliar o conhecimento. A prática da performance depende do lugar, do espaço /tempo, pontos e tempos específicos onde acontece a transformação do ser e da consciência. Para ele, o treinamento na performance depende da intensidade, interação, sequência, conhecimento e apresentação.

A relação do treinamento no cotidiano do sagrado produzir mediações na eficácia das habilidades de acordo com sua frequência e atitude, amplia o seu entorno e possibilita qualidades nas ações. Para esta pesquisa, isso quer dizer que no candomblé, uma multiplicidade de códigos vão operar no coletivo em função do Orisá.

Ao falar do potencial ilimitado da consciência sob o prisma da Neurociência cognitiva e

da performance, na Neuroplasticidade ambiental, onde o cérebro pode ser treinado, fazer várias conexões do comportamento e realizar um aprendizado neuronal de heranças. Schechner lembra-nos que o antropólogo Victor Turner (1974) também estava interessado no tipo cérebro cognitivo, na neuroquímica e em investigar como cultura e biologia interagem, um cérebro que ele lida com as transições de fronteiras, faz e experimenta, torna físico o sentimento.

1. DESENVOLVIMENTO

Sou musicista performer. No início do ano de 2008 ingressei no curso de Comunicação das Artes do Corpo com habilitação em performance e dança, na PUCSP. Durante as aulas de Performance como Linguagem, ministradas pela professora Naira Ciotti, tivemos contato com a Performance Arte onde ela nos chamou a atenção para o conceito de Multiplex Code, inicialmente apresentada na obra de Renato Cohen "Performance como Linguagem", como sendo: "Artes da vida que, têm naturezas múltiplas que trabalham com diversos códigos".

Ela dá o exemplo das sonoridades simultâneas que ocorrem nas festas dos cortejos populares nas ruas, e, nesse dia, Naira sugere para cada um de nós que construíssemos o próprio código múltiplo (Multiplex Code) a partir do conceito apresentado. Por se tratar da linguagem da performance, pude traçar um percurso entre o cotidiano e o ritual, relacionando minhas experiências como metodologia de pesquisa.

Devido ao meu compromisso e intimidade com o ritual, elaborei um documentário com o Babalorixá Alberto, Zelador da casa Kalamun Fun Fun, sendo ele um artista plástico, pedagogo e diretor da EMEI Armando de Arruda Pereira. Parte do desenvolvimento do trabalho de pesquisa foi em campo, no Ilê Axé Kalamu Fun Fun, casa de candomblé, localizada no município de Franco da Rocha no Bairro de Monte Verde e na EMEI Armando de Arruda Pereira, localizada na Pça Da República, locais onde o Babalorixá

Alberto transita. O documentário apresenta a perspectiva de um olhar dirigido para as naturezas de certas ações do cotidiano que compartilham o processo ritual e localiza quais são as ações que evidenciam uma conexão do ritual, que sempre foi minha experiência básica, com a Performance, que tem uma história tão recente.

Durante a entrevista o Babalorisá Alberto apresenta a natureza de alguns múltiplos códigos das ações cotidianas no ritual, e com muita naturalidade diz: " Tomar banho de folha, cozinhar, lavar, passar, varrer, abaixar, levantar, comer, andar, cantar, dançar, tocar, dormir, sonhar, e finaliza dizendo: "Tudo começa no portão, e termina quando vai embora, e assim começa novamente, como se fosse uma espiral." Também pergunto sobre o movimento das ações no candomblé, como esses signos percorrem, e ele diz que tudo é movimento no candomblé, o orixá é o próprio movimento: " Você se movimenta para tudo, a comida não pode queimar, o orixá não pode esperar", finaliza falando que nada é estagnado no candomblé, pois tudo que é estagnado é morto e: " o candomblé, o orixá é vida".

1.1 METODOLOGIA

A opção pelo tema de pesquisa Multiplex Code e sua abordagem metodológica foi organizada com um enfoque a princípio teórico- bibliográfico, com leituras aprofundadas de Richard Schechner e Renato Cohen. Documentada em vídeo, parte da entrevista com o Babalorisá Alberto, Zelador da casa Kalamun Fun Fun que também é artista plástico, pedagogo e diretor de EMEI serviu como base para a organização da metodologia da pesquisa de campo. Esta orientou a produção de uma captação de áudio registrando e compondo uma cartografia sonora dos espaços por onde o Babalorisá Alberto transita: A EMEI , localizada na Praça da República, o Mercado Municipal, no centro de São Paulo e finalmente o Ilê Axé Kalamu Fun Fun, casa de candomblé situada no Bairro de Monte Verde, município de Franco da Rocha.

1.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Richard Schechner esteve recentemente no Brasil para apresentar *The conservative Avantgarde*, palestra proferida no âmbito do Programa de Pós- Graduação em Antropologia na Universidade de São Paulo/ Grupo de Estudos NAPERDRA, tendo também participado do Congresso da Associação Brasileira de Antropologia. No momento do debate, perguntei- lhe se o conceito de códigos múltiplos, o Multiplex Code, pode ser associado aos rituais do candomblé, onde acontece uma espécie de estratégia de sobrevivência que faz os signos percorrer em uma espiral. Confirmando a minha hipótese, ele responde que sim, que o Multiplex Code assume essa expansão em espiral, por se tratar de situações onde ampliamos nosso conhecimento (urgências); seriam como travessias nos limites de cada etapa dessa espiral. Nesses entre- espaços compartilhados do processo ritual o sistema ganha complexidade com códigos distintos e simultâneos.

1.3 ESPIRAL

Podemos pensar na proporção de crescimento como um dos processos essenciais da vida, aprofundando o estudo sobre o limite e a identidade de cada parte desta proporção na espiral, que se dilata no espaço entre o ritual e o cotidiano.

Na espiral, o poder do segmento áureo de criar harmonia advém de sua capacidade singular de unir as diferentes partes de um todo, de tal forma que cada uma continua mantendo sua identidade, ao mesmo tempo que se integra ao padrão maior de um todo único.

Em " O paradigma perdido", Morin (1978) aborda a necessidade de exploração e expansão do espaço/tempo, como forma de sobrevivência e permanência da espécie. Uma das estratégias parece ser a de o grupo começar essa exploração espacial se

expandindo numa trajetória em espiral.

Por se tratar de distâncias e deslocamentos, observamos que a espiral acontece, também, diante de urgências cotidianas, ou seja, onde as questões precisam ser resolvidas na hora: “se não mexer, a comida pode queimar” (Pai Neno). Assim, o movimento representa a vida que dinamiza a prática do conhecimento e sua habilidade, e, como no candomblé, a imobilidade é a morte.

2. CONCLUSÃO

Schechner aponta que precisamos usar das nossas experiências e criar metodologias cognitivas e somatizadas, tarefas multiplex contra as narrativas não- confortáveis, para entender e mudar ideias neocolonialistas. As artes precisam ser mais incorporadas não são exposições exóticas, são experiências do real. Schechner relata que durante a sua experiência no candomblé a sala “agia”, e completou reforçando que é preciso tratar como conhecimentos incorporados uma realidade sagrada, rituais, espaços sagrados e simular mundos alternativos entre presente, passado e futuro, fora do mundo ordinário; o ritual e a performance tratam disso.

No processo ritual o Multiplex Code movimenta-se em trajetória em espiral, as soluções são codificadas em estratégias que ao longo do tempo se complexificaram tornando possível o conhecimento hábil para a sobrevivência e êxito no meio.

O código, ao ser repetido, pode modificar a realidade com sua força original, anterior, exterior e superior aos indivíduos. O código múltiplo é uma forma de organizar e resignificar em sistemas códigos, rituais e normas. Portanto, trata-se de um sistema de crenças que permite a ligação entre todas as coisas dispostas no espaço e no tempo espiral como ponto axial das origens, ligação que vincula a natureza com os indivíduos,

os indivíduos entre si e com a divindade.

Deste modo, nossos rituais seriam mecanismos que objetivam a busca da totalidade frequentemente inexistente ou difícil de ser percebida no nosso cotidiano. Num sistema como o nosso, onde o indivíduo sempre tem primazia, tudo já está separado conceitual e concretamente. Por causa disso, aqui o rito não divide, junta. Não separa, integra. Não cria o indivíduo, mas a totalidade.

Durante todo esse processo de pesquisa, pudemos perceber que percorrer em espiral indica a transformabilidade, e aponta para a natureza múltipla da realidade.

REFERÊNCIAS

COHEN, Renato. Performance como Linguagem São Paulo, Ed. Perspectiva, 2004.

ELAM, Kimberly. Geometria do design. Estudos sobre a proporção e composição. Cosac Naify, São Paulo; 1ª edição, 2010.

LODY, Raul “O Rei come quiabo e a Rainha come fogo Temas da culinária Sagrada no Candomblé”, in Moura, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). Leopardo Dos Olhos De Fogo, SP, Ateliê editorial, 1998.

MORIN, Edgar O paradigma perdido: A natureza humana, Publicações EuropaAmérica, 4ª edição. 1973.

ROLNIK, Sueli : Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

SCHECHNER, Richard. The End of Humanism. Performing Arts Journal .Vol. 4, No. 1/2, May, 1979

TURNER, Victor. O processo ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis, Vozes, 1974.

3. ANEXO

ENTREVISTA COM O BABALORISÁ ALBERTO DE OSALÁ

Transcrição da entrevista realizada para o documentário Multiplex Code, com o Babalorisá Alberto, Pai Neno, concebida na casa Ilê axé Kalamun Fun Fun. A entrevista começa com a nomeação das folhas e suas qualidades preparando o banho das folhas, respectivamente apresentado nessa sequência.

Pai Neno canta uma cantiga tradicional louvando as folhas, enquanto prepara o banho:

Ewé e ní àsà ki ó jé, Ewé jé si gbogbo Òrìsà
Ewé ki mò àsà ki ó jé bàbá, Ewé jé si gbogbo Òrìsà
Aparece uma borboleta...

Quasú, yansâ, Yansã é a rainha das borboletas, por isso que ela dança assim, ela é a rainha das borboletas. Olha que coisa mais linda!

Existe código para tudo, depende de como a gente encara esses códigos né, tem gente que só encara o código, e não pensa. Então tem código de papel, código de gesto, código de tudo né, então a gente vive em função de alguns códigos, depende de como se interpreta eles e de como se vive em relação a eles, eu vejo assim. Então os códigos do

candomblé voltados sempre para o elemento da natureza, isso que eu não posso perder de vista e ensino às pessoas a não perderem isso de vista, que é um resgate daquilo que a gente perdeu, O ser humano acha que ele não pertence a nada, e na verdade, ele é fruto da natureza e hoje em dia, cada dia mais, tá todo mundo aprendendo isso, aprendendo não né, tá voltando a aprender né, porque esqueceu, porque achava que a natureza é uma coisa somente para tirar, não para respeitar, para ser preservada. No candomblé a primeira coisa que a gente aprende é respeitar a natureza, o bicho que a gente come, a folha que a gente usa tudo que a gente faz a gente louva e venera isso, Então a gente não fica rezando para o nada, a gente ora, a gente procura ter uma relação com essa energia de agradecimento por ele existir e preservando. Então uma casa de santo não pode existir sem ter água limpa, sem ter folha, sem ter uma relação simbiótica com a natureza.

Eu: quais são as ações do cotidiano no candomblé pai, que o Senhor considera uma ação cotidiana.

P. Neno: cotidiana?

Eu: é lembra-se do que o senhor falou?

P. Neno: andar falar dançar cozinhar passar abaixar levantar limpar suspender, arriar, tudo.

Eu: e tomar banho de folha, desde o início.

P. Neno: se banhar, se limpar.

Eu: a relação do cotidiano do candomblé com o ritual, qual o processo mais importante, é o fundamento ou é a festa em si.

P. Neno: Tudo é importante, tudo tem o seu momento, desde quando até a gente entra até quando vai embora, até eu fechar o portão, o princípio é abrir o portão e no final é fechar o portão, e tá tudo pronto, candomblé é tudo no círculo, tudo é o começo, meio, fim e o fim é outro começo, então a gente vive em movimento, candomblé é movimento, e a própria natureza mostra isso né, então como a gente cultua a natureza, acredita nas forças da natureza, do mesmo jeito que a gente fecha o portão hoje e está abrindo ele amanhã e começa tudo novamente, não é nem um círculo, é uma espiral, que a gente vai indo e não tem fim, quando a gente para um pouquinho, daqui a pouco começa tudo de novo, e vai para o infinito. O tambor o que é que é? , é o ar em movimento, então o corpo se manifesta a partir do movimento. No movimento do ar, no movimento do som, no movimento do fogo, no movimento da água, tudo é movimento no candomblé, então até quando você faz comida você faz movimento, você não pode ficar parado, tem que movimentar porque senão queima, fica horrível, tudo tem que ter movimento, na panela, na colher, no jeito de colocar, tudo é movimento no candomblé, e ao mesmo tempo você tem que movimentar para cozinhar, movimentar para lavar, tem que se movimentar na cozinha, tudo é movimento, nada pode estar separado. Começa a tocar alguns ritmos na palma, ritmos que são tocados no atabaque e que identificam a manifestação de um determinado Orisá: O corpo vai fazer o movimento conforme o som . E aí vem outra, bate palma. O corpo ele reage de acordo com o movimento mesmo, do som.

Eu: são códigos que o Orisá reconhece.

P. Neno: Orisá é movimento, é ar, então ele se movimenta conforme o som.
Deixe-me mostrar para você como que é movimento, uma coisa simples do candomblé,
Que é um pano na cabeça, quanto movimento a gente tem. Cadê o ojá aqui?

Eu: tenho um aqui.

P. Neno: eu sempre falo que gostaria de ganhar um real por cada ojá que eu amarrei na minha vida, porque até hoje ninguém consegue amarrar um ojá sozinho. Então olha só o movimento que tem Pronto Certo! Na minha cabeça... Comida? O movimento é da preparação mesmo, o tempero, o ralar a cebola, o colocar o óleo, colocar o sal, lavar o feijão, lavar o arroz, lavar a canjica, quebrar o coco, assar o inhame, então tem o movimento de fogo, tem que virar, tudo é movimento, nada é estagnado no candomblé, tudo.

Eu: porque que não é estagnado?

P. Neno: Porque tudo que é estagnado é morto, e o candomblé é vida, Orisá é vida, e todos nós procuramos vida e essa vida é força, e força que a gente considera é o axé, então é isso.

Eu: motumbá pai.

P. Neno: A gente só para quando a gente morre que é enfiado no caixão, e mesmo assim a gente se deteriora e vira outra coisa, Tem uma lenda muito bonita que quando Osalá criava o ser humano ele precisava da matéria prima, e não conseguia criar o ser humano com água, não conseguiu criar com ar, não conseguiu criar com fogo, a única matéria que ele conseguiu que ficava consistente era terra, e a terra pertencia a Nanã, a lama, aí Nanã falou que dava a terra para poder fazer o ser humano, só que quando, a vida saísse daquele corpo, a terra tinha que voltar para o lugar dela, que é onde a gente é enterrado, por isso uma coisa que no candomblé a gente não pode ser cremado, a gente tem que voltar para a terra, é voltar de onde nós saímos.

Comecei pintar com 10 anos É o prazer, me realizo pintando, todo artista plástico ele é completamente introvertido, é uma introspecção, que projeta através da sua arte, através da sua cultura, diferente do ator, diferente do músico, então a arte para mim é uma

maneira expressar sentimentos, emoções, verdades, conquistas Meu belo, meu belo está na pintura. Segundo você eu sou Multiplex Code, então sou formado em artes plásticas, sou formado em educação artística, tenho habilitação em desenho, tenho pedagogia, tenho administração escolar, e sou Babalorisá, sou avó, sou pai, sou filho, sou neto, Eu sou tudo e não sou nada porque tenho ainda muita coisa para aprender ainda, então um pouquinho de mim que esta na bela vista, mas um pouquinho que está na república, um pouquinho que esta em franco rocha, e 10 por cento que está no mundo, que sou eu, eu sou isso.

Eu: E qual a importância do Orisá na sua vida?

P. Neno: Orisá é minha saúde, Orisá é minha verdade, é isso, acho que é isso, verdade na vida da gente são poucas e uma delas para mim é o Orisá, onde encontro razão de muita coisa se tivesse outra religião que me mostrasse mais verdades com certeza estaria nela, mas nenhuma delas me mostrou até hoje isso, então estou nela por verdades, por princípios, então é isso.

Informações sobre as pessoas citadas na pesquisa:

Mãe Tolokê: Regina Célia dos Santos Magalhães, conhecida como Mãe Tolokê, nasceu na Bahia em 30 de Dezembro de 1930.

Joãozinho da Goméia: João Alves de Torres Filho ou Joãozinho da Goméia, nasceu na Bahia em 27 de Março de 1914, na cidade de Inhambupe.

Pai Neno: Antônio Alberto Miranda, conhecido como Pai Neno, nasceu em São Paulo dia 16 de janeiro de 1960.